

As *Minima Moralia* de Theodor W. Adorno: expressão como fidelidade ao pensamento

Doutoranda Franciele Bete Petry (UFSC/CAPES)

Resumo:

*Tanto o pensamento quanto a forma que o expõe são, na filosofia de Adorno, elementos que devem se integrar. A forma não é apenas o ornamento de um pensamento, mas uma maneira adequada de sua expressão: é o modo pelo qual ele vem à tona e pode ser apreendido, por isso, ambos devem manter uma relação de justeza e rigor. A idéia de que a forma não é um enfeite estilístico, mas uma exigência de apresentação do próprio pensamento pode ser encontrada, por exemplo, nas *Minima Moralia*, em que Adorno exemplifica a relação de simetria e complementaridade entre o pensamento e a sua exposição. O caráter fragmentário da obra, construída por meio de aforismos, revela em seu modo de apresentação os traços de uma realidade também fragmentada, a qual não poderia ser tratada por Adorno de outro modo a não ser como parte de um todo que se desfaz e do qual não restam senão pequenos fragmentos.*

Palavras-chave: Teoria Crítica da Sociedade, Adorno, *Minima Moralia*, expressão.

Introdução

Compreender os mecanismos que operam na sociedade não implica que sobre ela seja feita uma análise, nem que o todo deva ser considerado prioritariamente em relação ao particular. Prova disso é o que Adorno consegue realizar nas *Minima moralia*. A recusa em partir do todo tem sua justificativa: em uma sociedade na qual a razão objetiva desapareceu e se transformou em pura irracionalidade, não cabe uma análise, em seu sentido estrito. Não é possível decompor o todo para entender suas partes. A questão não é meramente “estilística”, a forma de exposição tampouco satisfaz um mero desejo do autor, antes, ela é exigida pelo próprio objeto. Partindo dessa idéia, o trabalho pretende discutir a conexão necessária entre o pensamento e sua expressão, não apenas a partir das considerações teóricas de Adorno sobre o tema, mas principalmente tomando como eixo o próprio método aforístico empregado pelo filósofo nas *Minima Moralia*.

1 A forma aforística como exigência de expressão da vida danificada

O texto *Minima moralia: reflexões a partir da vida danificada* foi escrito por Adorno entre os anos de 1944 e 1947, momento marcado, portanto, pelo final da Segunda Guerra Mundial, o que fica fortemente registrado nos pensamentos desse filósofo.¹ O estilo do texto é aforístico, nem sempre ordenado pelos temas que aborda, causando, por isso, entre outros motivos, uma dificuldade para os seus leitores. Mas a intenção de Adorno não era mesmo de facilitar a compreensão daquilo que se propunha a dizer. De acordo com Jay,

sua própria forma de escrever visava deliberadamente a impedir a recepção fácil por parte de leitores desinteressados. (...) Adorno se recusava a apresentar suas idéias complexas e plenas de nuances de maneira simplificada. Acusando os defensores da comunicabilidade fácil de minar a substância crítica daquilo que

¹ Na dedicatória do livro, Adorno comenta: “Eu escrevi este livro em grande parte ainda durante a guerra, sob as condições da contemplação. A violência que me desterrara impediu-me ao mesmo tempo de conhecê-la plenamente. Eu ainda não me atribua a cumplicidade em que incorre todo aquele que, em face do indizível que ocorria coletivamente, simplesmente fala do individual” (ADORNO, 1993. p. 10).

pretendiam comunicar, ele resistia de modo vigoroso ao imperativo de reduzir pensamentos difíceis ao estilo coloquial da linguagem cotidiana. (JAY, 1988. p.13).

A abordagem das questões está de acordo com o que Adorno pensa da própria filosofia, a qual teria que tratar daquilo que é aparentemente imediato de forma mediada,² revelando, portanto, todas as camadas que compõem um determinado problema. Recusa, portanto, uma forma analítica de exposição. Faz isso, principalmente, por acreditar que sendo a realidade fragmentada, o modo como ela tem que ser apresentada também o deve ser.³ Parece, então, que há uma imanência entre a forma de exposição e o objeto: se a investigação tem como problema algo complexo, é dessa forma que irá abordá-lo, e não de modo simples, contrariando a natureza daquilo que está sendo examinado.

Tal preocupação pode ser percebida em *Minima moralia*. Dois aforismos, em especial, mostram o quão importante é a forma como um determinado objeto deve ser tratado para que com ele seja feita “justiça”. Em *Atrás do espelho*, aforismo 51, Adorno diz que a preocupação do autor deve ser, principalmente, a de “verificar em cada texto, cada fragmento, cada parágrafo, se o tema central sobressai com nitidez” (ADORNO, 1993. p. 73). Esse cuidado se justifica na medida em que uma pessoa, ao tentar expressar algo, envolve-se de tal maneira com o conteúdo de seus pensamentos que pode deixar-se levar por eles e, assim, diz Adorno, “esquece-se de dizer o que ela quer dizer” (ADORNO, 1993. p. 73). O texto necessita encontrar uma expressão adequada, rigorosa e justa do próprio pensamento. Isso significa, por exemplo, que a extensão de um texto não revela exatamente sua profundidade. Na verdade, ela não tem importância, pois o que interessa para a exposição é que cada frase consiga expressar de forma precisa um pensamento, transmitir em uma linguagem elaborada o objeto da reflexão. Como mostra Adorno no mesmo aforismo,

faz parte da técnica de escrever ser capaz de renunciar até mesmo a pensamentos fecundos, se a construção o exigir. Sua plenitude e sua força beneficiam-se precisamente dos pensamentos reprimidos. Como à mesa, não se deve comer até os últimos bocados, nem beber até o fim. Do contrário, nós nos tornamos suspeitos de pobreza. (ADORNO, 1993. p. 73).

A requerida adequação da forma ao conteúdo é ela própria bela e não os ornamentos e enfeites estilísticos. Dessa maneira, a beleza de um texto não está dissociada da expressão adequada de um pensamento, de modo que tal distinção deve ser recusada pelo escritor. Segundo Adorno, se ele “consegue dizer inteiramente o que pretende dizer, então é belo o que diz” (ADORNO, 1993. p. 74). Essa afirmação está relacionada com a concepção que o filósofo tem sobre a indústria cultural, pois o predomínio de uma forma bela que apenas aparentemente se atém à expressão, mas despreza o conteúdo expressivo e, por meio dele, o que de fato está sendo dito, significa que somente uma beleza ornamental é valorizada. Desse modo, ao se desconsiderar a conexão existente entre a linguagem e um objeto que por ela é possível ser pensado, trai-se a própria intenção contida no ato de escrever. Em uma analogia, Adorno exprime sua preocupação com a construção de um texto:

os textos bem elaborados são como teias de aranha: densos, concêntricos, transparentes, bem estruturados e sólidos. Eles atraem para dentro tudo o que voa e rasteja. As metáforas que os atravessam apressadas e descuidadas, tornam-se para eles presas nutritivas. Os materiais afluem facilmente para eles. A plausibilidade de uma concepção pode ser julgada vendo se ela evoca citando outras citações. Tendo descerrado uma célula da realidade, é necessário que o pensamento penetre sem violência do sujeito a câmara seguinte. Ele confirma sua relação com o objeto tão

² A filosofia concebida sob uma perspectiva dialética deveria, segundo Adorno, “(...) insistir en el carácter mediato de lo aparentemente inmediato, y en las muchas facetas que se desarrollan en todos los estratos entre inmediatas y mediatas” (ADORNO, 1969. p. 18).

³ No texto *O ensaio como forma*, Adorno mostra que o modo fragmentário do ensaio está de acordo com o próprio objeto que ele pretende apresentar: “O ensaio pensa em fragmentos, uma vez que a própria realidade é fragmentada” (ADORNO, 2003. p. 35).

logo outros se cristalizem a seu redor. Na luz que ele irradia sobre o seu objeto determinado outros começam a cintilar. (ADORNO, 1993. p.75).

No aforismo 64, chamado *Moral e estilo*, também é possível perceber como a exigência de adequação da forma ao conteúdo mantém relação com a indústria cultural. No contexto desta, aos textos fáceis e descomprometidos com a expressão de um objeto é dada uma atenção maior, já que se tem com eles uma compreensão, se não instantânea, mas muito mais acessível do que em relação a um texto denso e rigoroso. Assim, o autor que se submete à própria vaidade, ao desejo de ser reconhecido, incentiva esse tipo de produção, que ao invés de se preocupar com o conteúdo de verdade da obra, prioriza aquela forma capaz apenas de expressar trivialidade e ser facilmente recebida pelo público. Essas considerações encontram apoio na seguinte passagem do aforismo já citado acima e que aqui é quase todo transcrito:

o desleixo, que é o deixar-se levar pelo curso familiar da fala, passa por um sinal de afinidade e contacto: sabe-se que o que se quer, porque se sabe o que o outro quer. Ter em vista, na expressão, a coisa em vez da comunicação, é coisa suspeita: o que é específico, não extraído de esquemas preexistentes, aparece como uma desconsideração, um sintoma de excentricidade, quase de confusão. A lógica atual, que tanto se vangloria de sua clareza, colocou ingenuamente tal perversão na categoria da linguagem quotidiana. A expressão vaga permite àquele que a ouve representar-se aproximadamente o que lhe convém e que ele de todo modo já tem em mente. A rigorosa impõe uma compreensão inequívoca, um esforço conceitual, do qual as pessoas perderam deliberadamente o hábito, exigindo delas diante de todo conteúdo a suspensão dos juízos habituais e, deste modo, um certo afastamento, a que elas resistem violentamente. Apenas aquilo que elas não precisam compreender primeiro é tido como compreensível; só aquilo que, em verdade, é alienado, a palavra cunhada pelo comércio, é capaz de tocá-las como algo familiar. Poucas coisas contribuem tanto para a desmoralização dos intelectuais. Quem quiser subtrair-se a ela, tem que considerar todo conselho a dar atenção à comunicação como uma traição ao que é comunicado. (ADORNO, 1993. p. 88).

A passagem referida pode ser entendida no contexto da crítica de Adorno e Horkheimer à indústria cultural presente na obra *Dialética do esclarecimento*, segundo a qual “o poder da indústria cultural provém de sua identificação com a necessidade produzida, não da simples oposição a ela, mesmo que se tratasse de uma oposição entre a onipotência e impotência” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985. p. 128). Haveria da parte do indivíduo uma aceitação passiva em relação aos bens culturais que se lhe oferecem. Mas há também, na produção destes, características objetivas que garantem sua aceitação em relação ao público que pretendem atingir. Esse direcionamento, portanto, é prévio na medida em que já na produção se sabe as expectativas dos consumidores, as quais são moldadas segundo a necessidade do sistema de trabalho da sociedade que impõe ao trabalhador uma alienação sobre sua própria atividade, ocasionando a repressão de seus instintos e exigindo para sua “sublimação” um falso prazer proporcionado pelos produtos da indústria cultural. Quem quer se subtrair a esse processo, como mostrou Adorno no aforismo acima exposto, deve insistir na criação dos textos rigorosos e que mantêm uma vinculação íntima entre forma e conteúdo, não para que sua recepção seja dificultada ao público por vaidade ou para que mantenham uma aura de ilustração, mas para que a consciência já danificada dos indivíduos não se aproprie indevidamente deles, tornando uma mentira aquela possibilidade da verdade que se pretendia na expressão. Dado que os indivíduos não conseguem realizar uma apropriação adequada, a consequência pior não seria a simples incompreensão do texto, mas a negação de seu conteúdo devido à consciência alienada.

Tal preocupação tem seu reflexo na construção do texto do próprio Adorno e se mostra no método por ele adotado, qual seja, de refletir sobre a realidade por meio de fragmentos, de aforismos que, ao serem lidos um a um, mas sem perder de vista um todo no qual acabam por se

constituir, permitem um tipo de elucidação sobre a natureza e o funcionamento da sociedade. A leitura não é facilitada. Isso não quer dizer, entretanto, que Adorno seja elitista, no sentido de que somente algumas pessoas devam entender seu texto só por ele ser complexo. Realmente, o filósofo não tinha nenhuma pretensão de que seu texto fosse palatável e, por isso, insistia ainda mais no caráter filosófico de suas considerações que, por ser abstrato, garantiria uma exigência na sua leitura. Dessa forma, o objeto tratado seria preservado de uma leitura imediata que contrariasse a própria profundidade do problema abordado, evitando que aqueles com uma consciência incapaz de reflexão entrassem em contato com o texto e dele extraíssem nenhum ou qualquer pensamento, mesmo que avaliassem o contrário. É por isso que no aforismo 51 Adorno diz: “precisamente quem não quer fazer concessão alguma à estupidez do senso comum, tem que se precaver para não enfeitar estilisticamente pensamentos em si mesmo banais” (ADORNO, 1993. p. 74), pois o escritor poderia ter uma inclinação a preferir a “fama” de escrever de forma estilística, ou seja, apenas enfatizando a forma, a garantir uma justa consideração à profundidade de um objeto por uma escrita mais densa. Além disso, no aforismo 141 Adorno diz que “quem escreve deve combinar o controle mais rigoroso, no sentido de que a palavra signifique a coisa e só a coisa, nenhum olhar de través com a auscultação de cada locução, o esforço paciente para ouvir o que linguisticamente, em si, se sustenta ou não se sustenta” (ADORNO, 1993. 194). Só assim se manteria a relação entre aquilo que é dito e a verdade.

Seria então tarefa do intelectual, como também aponta Duarte, “se dirigir menos à compreensibilidade do que à adequação ao seu objeto, o que implica, na maior parte dos casos, numa obscuridade que afasta aqueles que não pretendem ser mais do que ‘consumidores’ de cultura” (DUARTE, 1997. p. 157). Esse pode ser considerado um momento de resistência a uma totalidade que ameaça invadir cada vez mais a esfera do particular, destruindo a consciência do indivíduo e com ela qualquer forma de reação às imposições que lhe são colocadas.

Essas considerações são importantes para a compreensão do texto de Adorno. Buscar nas particularidades da vida dos indivíduos algo que as transpassa é tarefa de uma filosofia que não se acomoda ao imediato e busca aquilo que vai além das aparências. Como ele mesmo diz, “a verdade da totalidade não pode ser jogada de modo imediato contra os juízos individuais, nem a verdade pode ser limitada ao juízo individual; a pretensão da singularidade à verdade deve, antes, ser tomada literalmente, até que sua inverdade torne-se evidente” (ADORNO, 2003. p. 39). É com base nessa convicção que ele procura, desde a observação do trato entre as pessoas até a suspeita em relação à própria filosofia, pela substância comum a elas, pelo mecanismo social que interfere na concepção que se tem da realidade assim como no modo das pessoas agirem. Em relação às *Minima moralia*, diz Duarte,

(o) principal escopo é uma reaproximação entre a filosofia e a mais crua imediatidade da vida prosaica na fase tardia do capitalismo mundial, para a realização da qual o seu autor empreende simultaneamente um implacável acerto de contas com uma representativa tradição filosófica, protagonizada por Kant, Hegel, Marx, Nietzsche, Schopenhauer e Freud, dentre outros? (DUARTE, 1997. p.146).

Alguns dos aforismos contam a experiência do próprio Adorno, um retrato autobiográfico da sua infância, do exílio, da guerra ou da sua relação com a filosofia. Dentre eles, uma passagem contida no aforismo 122 chamado *Monogramas* é a que mais se destaca ao longo do texto, não somente por expressar algo que se passou com Adorno ainda criança, mas pelo peso de um sentimento que parece desde então acompanhá-lo e que se manifesta em sua obra no caráter extremamente crítico por ele desenvolvido. A passagem referida diz o seguinte:

bem cedo em minha infância, vi os primeiros varredores de neve, vestidos em roupas leves e miseráveis. Em resposta a uma pergunta minha, foi-me dito que se tratava de homens sem trabalho, aos quais se dava tal ocupação para que pudessem

ganhar o pão. Bem feito que tenham de varrer neve, exclamei enfurecido, para derramar-me em seguida num choro incontrolável. (ADORNO, 1993, p. 167).

Incontestável, portanto, a dureza e ao mesmo tempo a delicadeza com que tudo é tratado, pois nada fica de fora do olhar crítico do filósofo, que, por sua vez, dá atenção especial a cada um dos detalhes do seu objeto de investigação, como se este fosse um prisma capaz de decompor a luz branca aparentemente monocromática em diversos feixes coloridos. Tal objeto poderia revelar, portanto, diferentes nuances de uma mesma coisa: ao mesmo tempo em que se mostra, revela algo mais profundo disfarçado no imediatismo de sua aparência.

2 O particular como expressão da totalidade

A proposta de Adorno poderia se deparar com alguns obstáculos. Segundo Gagnebin, “a maior dificuldade consiste, certamente, na proposta do livro de ousar tomar como ponto de partida a ‘experiência individual’ (*individuelle Erfahrung*) como uma espécie de alavanca para uma reflexão crítica sobre o contexto social mais amplo” (GAGNEBIN, 2001. p. 50). As duas restrições, se é que assim se pode dizer, seriam as seguintes: em primeiro lugar, diz Gagnebin, “não deveria uma reflexão crítica partir muito mais da análise do processo global, de uma análise do conjunto social para, depois e, como costuma dizer-se, dialeticamente, alcançar a esfera individual?” (GAGNEBIN, 2001. p. 50). Tal questão, segundo a autora, leva em consideração a posição de Adorno contra Hegel, na medida em que este dava primazia ao todo em detrimento do particular e, aquele primeiro, pretende justamente verificar como se dá a aniquilação dos indivíduos particulares, principalmente sob a experiência do totalitarismo, a qual dá um forte peso às afirmações de Adorno e que dão à inversão da posição hegeliana não somente um caráter lógico ou ontológico, mas uma “dialética sem totalidade” (GAGNEBIN, 2001. p. 50).⁴

Em segundo lugar, diz Gagnebin, “se não se pode mais partir do todo, dever-se-ia, então, escolher a solução inversa e partir do particular?” (GAGNEBIN, 2001. p. 50). A explicação é a de que não haveria na sociedade um indivíduo “irredutível” da forma como Hegel, acusa Adorno, teria acreditado. Já não existe uma substância que se mantém intocável pelo processo social, portanto, a idéia de um indivíduo “enquanto tal” não pode ser concebida, o que tanto pode ser uma crítica severa quanto a possibilidade de uma “libertação”. A insistência na investigação do particular, assim, é uma tentativa de “diagnosticar em sua negatividade, em sua desagregação dolorosa (*Zerrissenheit*) umas sementes de resistência à positividade da totalidade social imposta” (GAGNEBIN, 2001. p. 52).

Percebe-se, desse modo, que há uma justificativa para o método empregado nas *Minima moralia*. Consideramos que tanto a concepção adorniana da forma de exposição de um problema quanto as considerações apontadas por Gagnebin servem como base para explicar o porquê de um livro todo composto por aforismos e que parte do particular a fim de explicar algo que ocorre na esfera do universal. Além disso, podemos indicar o aforismo 23 também como uma justificativa do procedimento utilizado. Nele, Adorno diz: “se é verdade, como ensina uma teoria contemporânea, que nossa sociedade é uma sociedade de *rackets*, então seu modelo mais fiel é precisamente o contrário do coletivo, ou seja, o indivíduo enquanto mônada” (ADORNO, 1993. p. 37). O autor procura mostrar que o indivíduo expressa algo presente na sociedade como um todo, no sentido de que ele é um reflexo das tendências sociais. O mais individual, então, é aquele que mais se apropria dos mecanismos e que os incorpora, portanto, acaba por ser um retrato fiel do universal na medida em que abandona sua condição de sujeito para ser uma mera parte do todo. Em função disso, Adorno diz que “é na perseguição dos interesses absolutamente particulares de cada indivíduo que se

⁴ O próprio Adorno diz na dedicatória de seu livro: “(...) este livro, longe de esquecer a pretensão de totalidade do sistema, que não toleraria que se saia dele, antes se insurge contra ela” (ADORNO, 1993. p. 8).

pode estudar com a maior exatidão possível a essência do coletivo na sociedade falsa” (ADORNO, 1993, p. 38).

Devido a essa razão, a análise como método de exposição é recusada em face do próprio objeto. Para apreendê-lo em suas diferentes formas, somente uma abordagem que se constrói por meio de aforismos se aproxima da expressão adequada. Assim, o todo é entendido a partir de diferentes pontos de vista já de antemão sabida sua incompletude e, principalmente, no lugar onde ele se manifesta mais intensamente, ou seja, no particular. Nele é que reside a possibilidade de clarificar os imperativos da sociedade, buscando uma totalidade que não se deixa perceber, pois já se dissolveu na fragmentação da vida danificada. É nas instâncias que compõem a sociedade que a totalidade se realiza, ainda que disfarçada, ainda que apresentada sob a forma de aparência e de algo imediato. É por isso que a maneira como o particular deve ser enfrentado de modo algum é positiva, pois necessita ser “revirado”, “remexido”, até que se encontre nele os indícios de uma ordem superior, a qual está instalada nos pormenores da vida dos indivíduos.

No sentido da investigação proposta por Adorno, vários temas foram escolhidos pelo autor como exemplos de dissolução do sujeito em meio a uma totalidade que o absorve. Eles variam desde um ato simples como o de bater uma porta até considerações teóricas sobre a filosofia, por exemplo. A psicologia, a cultura, a moral, a arte e a ciência são também objetos da reflexão de Adorno. Todos estão interligados e mostram como aquilo que é aparentemente imediato na verdade mostra traços mais profundos de algo que marca todos os elementos constituintes da vida. Como diz Duarte,

a posição da imediatidade se dá por um procedimento interpretativo dos fenômenos mais característicos da vida, naquilo que Adorno batizou de “mundo administrado”. Tal procedimento manifestar-se-á na abordagem radical de assuntos tão diferentes como a decadência das “boas maneiras”, a correria desenfreada nas grandes cidades, a perda de fé nos ideais socialistas, o embrutecimento da sensibilidade estética, a eclosão da moda ocultista, etc. (DUARTE, 1997, p. 146).

O livro está dividido em três partes segundo o período em que foram escritas. A primeira redigida em 1944, a segunda em 1945 e a terceira entre 1946 e 1947. Não parece haver um desenvolvimento evidente na argumentação de uma divisão para outra, apenas uma maior complexidade nas críticas feitas por Adorno. Na primeira parte, há uma ênfase em aspectos mais cotidianos da vida, aparentemente simples, mas que manifestam uma certa decadência dos modos, da moral e da própria cultura, uma vez que aquele elemento regressivo presente na própria sociedade e que já fora identificado por Adorno e Horkheimer na *Dialética do esclarecimento* parece retornar sob a forma de gestos ou atos comuns. São expressões desta constatação, por exemplo, a relação entre pais e filhos, o casamento, os vícios morais como a mentira e a avareza, o ato de dar presentes, de bater à porta. Há também considerações sobre literatura, guerra, psicanálise e cultura que fazem a passagem para a segunda parte. Nesta, encontramos vários aforismos que provocam a reflexão sobre a literatura, o fascismo, a técnica, os intelectuais e a filosofia e que já mostram mais claramente como os indivíduos parecem estar à mercê do domínio da razão instrumental escondida sob a aparente unilateralidade do progresso. As críticas à indústria cultural, ainda que tenham sido expostas também nas partes já mencionadas de *Minima moralia*, aparecem especialmente na última parte da obra, que além de tratar de tal tema, apresenta vários aforismos sobre a mulher e o amor. As críticas de Adorno à massificação da cultura não são feitas sob um novo enfoque, mas com uma severidade maior. O livro termina com a indicação, no último aforismo, de uma tarefa destinada à filosofia: a redenção. É importante ressaltar que as críticas que Adorno dirige à decadência dos costumes ou às relações entre as pessoas, como, por exemplo, aquelas feitas ao casamento e ao amor, não se inscrevem em um “saudosismo” ou coisa que o valha, mas funcionam como uma espécie de recurso metodológico de crítica ao presente, como denúncia de um processo de reificação que se instala inclusive nos aspectos mais íntimos da vida.

Conclusão

Embora a obra adorniana *Minima Moralia* dê continuidade às críticas à indústria cultural como um processo que atua sobre a subjetividade no sentido de sua deformação, ela o faz por meio de um método diverso. Adorno mostra, em relação imanente com a própria construção de seu texto, como a própria vida está fragmentada, como as atividades e relações humanas incorporaram a dominação existente enquanto tendência objetiva da sociedade e, desse modo, também a subjetividade se transforma em algo objetivo, passível de manipulação. Procurando dar expressão à fragmentação característica da realidade investigada por Adorno, é que a obra *Minima Moralia* encontra sua adequação ao objeto na forma aforística: ela retrata por meio de suas divisões a cisão por que passou a vida humana. A preocupação de Adorno em manter seu texto rigoroso e exato em relação ao objeto é uma forma de resistir à banalização tanto da cultura quanto da filosofia, de não deixar um pensamento complexo e denso sobre a realidade se submeter aos mesmos esquemas que por esse pensamento são criticados. E é nessa harmonia entre o estilo denso e um pensamento duro o suficiente para se elevar acima da realidade, o qual exige justamente uma apresentação marcante como ele, é que reside a beleza e dignidade das *Minima moralia*. Não só a crítica se mantém fiel como denúncia da vida que sucumbe frente à totalidade, mas também a forma do texto se coaduna com essa tentativa de trazer à consciência a falsidade que domina a vida.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T. W., HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Tradução Guido A. de Almeida . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor W. *Minima moralia*: reflexões a partir da vida danificada. Tradução de Luiz Eduardo Bica. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: *Notas de literatura I*. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.

ADORNO, Theodor. W. Para que aún la filosofía. In: *Intervenciones: nueve modelos de critica*. Versão castelhana de Roberto J. Vernengo. Caracas: Monte Ávila Editores, 1969.

DUARTE, Rodrigo. Apuros do particular: uma leitura de *Minima moralia*. In: *Adornos: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

GAGNEBIN, Jeanne M. Pesquisa empírica da subjetividade e subjetividade da pesquisa empírica. *Psicologia e sociedade*, v. 13, n. 2, p. 49-57, jul./dez. 2001.

JAY, Martin. *As idéias de Adorno*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1988.